

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular

Class.: 333

Data: 17.04.91

Pg.: \_\_\_\_\_

### Formado comitê para ajudar nação karajá

Resgatar uma cultura milenar em um centro urbano turístico é uma das propostas do Comitê S.O.S Karajá de Aruanã, lançado ontem à noite, na abertura da Semana do Índio, promovida pelo Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), da Universidade Católica de Goiás. A programação começou às 20 horas, no auditório da Reitoria da UCG, e prosseguiu com a exibição do filme *Hetohoky*, que na língua karajá significa Festa do Sol. A obra, do pesquisador Manuel Ferreira Lima Filho, mostra a festa dos índios na aldeia Santa Isabel do Morro, Ilha do Bananal (TO).

O Comitê Karajá reúne antropólogos, pesquisadores e simpatizantes da causa na busca de dois objetivos principais: oferecer aos índios de Aruanã uma área mais extensa que a ocupada atualmente no centro da cidade turística; e retomar o Projeto Karajá de Aruanã, interrompido em 1988, cujas metas são manter as casas da aldeia em boas condições, incentivar o grupo a usar a língua karajá para que ela não seja esquecida, prestar assistência médico-odontológica, orientar o artesanato, e implantar pequenos projetos de subsistência. A ampliação da reserva, por sua vez, faz parte dos planos do Comitê, como maneira de restituir aos índios a grande parcela de terra que lhes foi subtraída e fornecer-lhes meios de plantar.

O grupo karajá de Aruanã vive hoje às margens do Rio Araguaia, numa área de apenas 12 mil metros quadrados, espremido entre os hotéis e casas da cidade turística. No início do século eles habitavam a região do baixo Rio Vermelho, até que, por volta de 1915, decidiram morar nas proximidades de Aruanã, então Vila Leopoldina, seu território de caça. Na época, existia ali apenas um

pequeno povoado, onde havia mais karajá do que brancos, segundo relata o diretor do IGPA, antropólogo Mário Arruda. Em 1945, os índios construíram uma grande aldeia, no mesmo local da atual, para receber seus amigos da Ilha do Bananal. A reserva então foi definida e demarcada pelo extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI), com seis limites se estendendo do Hotel Araguaia até o córrego da Portobrás, numa área de aproximadamente três alqueires.

A demarcação, entretanto, foi relegada e os prefeitos nomeados na época da Revolução começaram a vender terrenos pertencentes aos índios. Em meados da década de 60, conta Arruda, um incêndio nos arquivos do SPI destruiu os documentos que davam garantia aos karajá, e sua área foi gradativamente invadida por moradores e turistas, reduzida aos 12 mil metros quadrados atuais, menos de um quarto de alqueire. "Mesmo este terreno só foi preservado porque o professor Acary Passos construiu um alambrado para cercá-lo", revela o antropólogo. Hoje os índios vivem da venda do artesanato para turistas e da pesca manual, com sérios problemas de alcoolismo, em razão da proximidade do centro urbano. A intenção do Comitê é conseguir anexar uma área de cinco, 10 ou 15 alqueires.

O lançamento da entidade abriu ontem as comemorações da Semana do Índio, que prosseguem hoje com a inauguração da Sala Professor Mário Ferreira Simões, da Biblioteca Setorial Professor Acary Passos, e assinatura do termo de doação de seu acervo. Os eventos serão realizados no IGPA, a partir das 9,30 horas, e à noite será lançado o filme *Krahô, Filhos da Terra*, no auditório da Reitoria da UCG, às 20 horas.

### Contato com os indígenas

O Instituto Bueno abriu ontem, às 9 horas, a Semana do Índio com uma palestra da historiadora Terezinha Arruda, do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás. Em seguida os alunos de primeiro grau tiveram um contato com dois índios representantes da tribo Xavante, do Mato Grosso e, participaram de uma feira de trocas de roupas e calçados por artesanato indígena Karajá.

Os índios Pedro Xavante e Jurandir Siridiwê ficarão até amanhã em contato com os alunos do Instituto Bueno para sessões de palestras e debates. No final, as crianças vão elaborar um documento - a Carta do Índio - sob a orientação dos professores para ser entregues às lideranças dos partidos políticos na Assembleia Legislativa contendo propostas para a preservação das tribos e da cultura

indígenas. Os alunos encerrarão o dia encenando uma peça teatral sobre o índio.

A historiadora Terezinha Arruda salientou a importância da comemoração da Semana do Índio do modo como é realizada hoje pelas escolas. "Antes os alunos se pintavam de índio e faziam cartazes sem saber o que esse povo significa para a nossa história", comentou Terezinha, dizendo que hoje a data é comemorada de forma mais crítica e conscientizadora. No contato direto com os alunos, os índios Pedro e Jurandir aproveitam para falar sobre a origem das tribos, seu modo de vida e, o que mais chamou a atenção dos estudantes, sobre como as crianças são tratadas nas aldeias. Três indiozinhos estiveram ontem no Instituto Bueno acompanhados das mães da tribo Karajá, de Aruanã, despertando grande interesse entre os alunos.